

SAPERE AUDE: KANT E O IMPERATIVO DE UMA EDUCAÇÃO AUTÔNOMA

WAGNER BARBOSA DE BARROS

Doutorando em filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
wagnerbarros71@gmail.com

RESUMO: Em nossa contemporaneidade percebemos os claros indícios da necessidade de uma mudança do paradigma educacional, o qual ausenta-se da formação efetiva do indivíduo. Questionamo-nos sobre esta problemática e tentamos compreendê-la sob a perspectiva que o filósofo Immanuel Kant nos oferece em sua filosofia da *Aufklärung*, a qual dispõe o indivíduo como racionalmente responsável pela sua formação. Poderemos então observar a atualidade do ensaio kantiano enquanto esse corrobora as preocupações que pairam sobre a formação dos indivíduos.

Palavras-chave: Educação. *Aufklärung*. Autonomia. Maioridade.

ABSTRACT: In our contemporaneity we see the clear evidence of the need for a change in the educational paradigm, which absents from the individual's affective formation. We question about this issue and try to understand it under the perspective that the philosopher Immanuel Kant offers us in his *Aufklärung's* philosophy, which places the individual as rationally responsible for his formation. Then we may see the present aspect of Kant's essay while it corroborates the concerns that overhang the individuals' formation.

Keywords: Education. *Aufklärung*. Autonomy. Majority.

1. INTRODUÇÃO

Há uma importante relação entre Filosofia e Educação que nem sempre é investigada a fundo, na maioria das vezes por se acreditar que as relações educacionais não implicam nada de filosófico. Ao contrário desta visão, aqui temos por objetivos desenvolver uma análise que se pauta diretamente nas relações entre Filosofia e Educação, mais especificamente nas contribuições pedagógicas que o filósofo alemão Immanuel Kant deixou em sua obra crítica. Mais do que isso, o faremos a partir da ideia contemporânea de educação, que tem como ferramenta, ou adversário, como veremos, os meios digitais.

Poderemos, desta forma, destacar a atualidade das discussões realizadas por Kant e, com isso, questionarmos nossa realidade. Intentaremos, portanto, relacionar as máximas da *Aufklärung* kantiana com a contemporaneidade imersa na revolução digital, para que possamos resgatar a importância do pensar por si diante de um mundo cada vez mais massificado. Dividiremos então, nossa análise em dois momentos, um a respeito da situação atual da educação e a possível necessidade de se repensar seu paradigma, e outro, no qual ofereceremos uma interpretação acerca da pedagogia pautada na autonomia do pensar do aluno.

2. PORQUE REFLETIR FILOSOFICAMENTE SOBRE A EDUCAÇÃO?

Os meios de comunicação (televisão, internet e livros, por exemplo) estão cada vez mais democratizados e chegam aos lugares mais longínquos, onde antes eram precários ou até mesmo nulos. Em um mundo globalizado, no qual as informações estão disponíveis instantaneamente em qualquer parte do planeta e a qualquer um de nós, é cada vez mais frequente o questionamento se essa disponibilidade tem ajudado ou não na formação do indivíduo. O advento da internet é o maior exemplo desta democratização do saber, pois trouxe a possibilidade do acesso instantâneo e seletivo dos conteúdos, transformando a rede de computadores em um círculo de compartilhamento de informações. Com isso, a cada dia que se passa torna mais necessário compreender a diferença entre o simples pensar e o pensar autônomo, pois não possuímos mais problemas com o número de informações a que temos acesso, mas sim quanto à maneira como lidamos com essas informações, ou seja, diante de um oceano de possibilidades, é necessário que estejamos preparados, por exemplo, para administrarmos os caminhos que seguimos e o tratamento que damos para aquilo que lemos. Em outros termos, numa sociedade onde as informações são muitas, não é mais útil obter os meios para acessá-las, mas sim os meios de bem interpretá-las.

Se por um lado, os centros educacionais têm utilizado esses recursos com o intuito de dinamizar o ensino e potencializar a experiência educativa, por outro lado, estes mesmos meios servem de fontes acríticas e como recurso à desinformação, que não complementam nem ajudam na formação do indivíduo. Cotidianamente, a utilização dos resultados obtidos pelo avanço do saber aparenta estar mais designada, em sua maioria, para suprimir as expectativas de um pensar vazio e sem autonomia.

Não recriminamos aqui o avanço do conhecimento ou mesmo a utilização do saber via meios tecnológicos, mas a maneira como estes avanços são utilizados, isto é, quando uma ferramenta, que tem um potencial educacional forte, por exemplo, é utilizada, sobretudo, para fins que não resultam na formação dos indivíduos. Sendo assim, fazem um desfavor ao gênero humano, pois o impede de concretizar melhorias em sua história. As conquistas do avanço da técnica proporcionam tantos benefícios quanto vícios, e o meio pelo qual diferenciamos-nos perante estes dois resultados é a maneira como os utilizamos.

Um ensino que se pauta na educação autônoma do indivíduo, proporcionando a este as ferramentas que lhe são necessárias para a elaboração de uma criticidade referente à sua realidade, torna-se, então, fundamental para que o indivíduo produza por si mesmo as reflexões necessárias quanto à utilização das informações que tem à disposição. Sendo assim, é preciso pautar a importância do sujeito como construtor de seu próprio julgamento, utilizando-se dele para se posicionar sobre o mundo como aquele que o interpreta. Não podemos partilhar de uma ideia de formação que se beneficia da passividade do pensamento e, por este meio, direciona o indivíduo para caminhos alheios à sua decisão. É imprescindível que o processo educacional forme o indivíduo como um sujeito capacitado para propiciar a si mesmo um julgamento autônomo de sua realidade, e que deste obtenha os meios que lhe são necessários para compreender-se como um sujeito racional. A escola não pode ser, portanto, um ambiente opressor e maquinal, que reproduz a ideia de que o aprendizado deve ser realizado pela coerção pedagógica, compreendendo que o aluno é um receptáculo do conhecimento e o professor o único capaz de dar-lhe este conteúdo, furtando assim a possibilidade de um aprendizado conjunto entre ambos os sujeitos do ensino, impedindo, desse modo, que eles construam conjuntamente sua autonomia.

Destarte, recorreremos à *Aufklärung* kantiana com o objetivo de ressaltar alguns pontos que podem nos auxiliar na compreensão da importância do pensar autônomo como necessária na formação do sujeito. Sendo que, de início, caracterizaremos o pensamento kantiano e, posteriormente, a partir dele, poderemos compreender porque pode ser considerado ainda atual, já que o ensino pautado na autonomia do indivíduo é etapa essencial para que esse processo seja efetivado, corroborando à vista disto a necessidade de refletirmos filosoficamente sobre a

educação, para que sobre ela possamos oferecer melhores interpretações, que auxiliem-na em sua tarefa formadora de indivíduos.

Ainda que mais de duzentos anos nos separem do ensaio kantiano “*Resposta à pergunta: que é esclarecimento (Aufklärung)?*” publicado em dezembro de 1784 no periódico mensal *Berlinische Monatsschrift*, podemos nos valer dele para refletir sobre algumas questões que se apresentam em nossa contemporaneidade a respeito da autonomia do indivíduo. É preciso resguardar as especificidades do momento e do objetivo com que o texto foi escrito, ou seja, ter como pano de fundo a perspectiva histórica em que Kant vivia em 1784. Vislumbrado talvez pelos preceitos iluministas e, fiel à ideia da força da razão como senhora de si, relata-nos as exigências, as dificuldades e condições através das quais a passagem à maioridade pode ocorrer. Porém, como uma filosofia não se encerra nem se compreende esgotada ou superada, é-nos permitido alçar um sobrevoos sobre a *Aufklärung* tal como concebida por Kant, com o objetivo de apreender maneiras de interpretar nossa contemporaneidade, estabelecendo um estudo, ainda que breve, sobre a necessidade da construção de uma formação pautada na autossuficiência racional, para que possamos, então, observar que a proposta kantiana permanece presente nos questionamentos que surgem quando refletimos sobre o processo de aprendizagem, responsável pela formação e estruturação dos indivíduos desde sua tenra idade.

Para Kant (1974), esclarecimento (*Aufklärung*) é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele é o próprio culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O termo em alemão, que usualmente é traduzido como *esclarecimento*, denota um movimento inacabado, ou seja, é um processo e não somente um estado. Em vista disto, podemos aludir que sair da menoridade é uma tarefa que o homem precisa realizar insistentemente em sua vida, pois sempre encontrará situações nas quais terá que autonomamente utilizar de seu próprio julgamento para compreender sua realidade, não dissociando-se da obrigação desta tarefa em nenhum momento de sua vida.

Conforme compreendemos que a história da humanidade é regida pelo constante aperfeiçoamento rumo ao melhor¹, nos é corroborado que este postulado é disposto enquanto vemos nele o próprio constituir do processo de esclarecimento, pois nada mais é que a efetivação da própria potencialidade humana, disposta em nós

¹ Cf. KANT, I. *Sobre a expressão corrente: isto pode ser correcto na teoria mas nada vale na prática*, p.103.

pela natureza. Esclarecimento é então a passagem do estado de menoridade (*Unmündigkeit*) para o de maioridade no qual o indivíduo liberta-se do pensamento direcionado exteriormente e encoraja uma reflexão que livremente é obtida pelo seu próprio raciocinar. Nesse processo, o pensamento deixa de designar-se sob uma tutela de outrem e restabelece sua própria autonomia. Esta passagem é então a conformação do homem com sua designação racional, que o transfere de sua inferioridade reflexiva para a elementaridade autônoma.

A responsabilidade sobre esta autonomia do pensamento recai sobre o próprio indivíduo que deveria agir dessa maneira, isto é, diante do pensamento autônomo que o homem poderia engendrar. Na compreensão de Kant, caso ele se direcione segundo uma via subordinada a outro, é por sua culpa que age desta maneira, pois tem, em si, a possibilidade de realizar esse processo de maneira diferente. A passagem não pode ser realizada com uma ajuda, pois ela seria no momento desta ação um direcionamento exterior à racionalidade daquele que realiza esta passagem. Em vista disto, esclarecimento é antes de mais nada um autoemancipar-se. Assim, podemos compreender que o mote do pensamento autônomo segundo a compreensão de Kant (1974) é: *Sapere Aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, demarcando, desta maneira a potencialidade subjetiva no processo de iluminação racional, para que não se objetive uma espécie de tutela esclarecedora, o que para o filósofo alemão seria um absurdo.

É preciso ousar saber, pois o estado de menoridade é aparentemente cômodo para o indivíduo que permanece sob esse jugo. Aquele que direciona seu pensar segundo a rota obtida exteriormente à sua própria razão acaba por se sentir confortável com tal posição, tendo em vista que enquanto se submete a este jugo, não precisa exercer-se como autor de seus pensamentos. É, num primeiro momento, pelo menos para o menor, agradável obter alheamente a si as proposições que necessita, pois nesse movimento adquire passivamente pensamentos que foram elaborados por outros sujeitos, não precisando assim esforçar-se na ordenação reflexiva sobre algum tema. Enquanto o menor poder utilizar-se de atalhos ou técnicas em seu pensar, conseguirá posicionar-se como se estivesse ausente em suas próprias decisões, pois sobre elas não tem estrita responsabilidade. Este é o motivo pelo qual Kant caracteriza a passagem à maioridade como perigosa e confere como tarefa ao sujeito que ouse

² Referência a Horácio, presente na *Epistular unliber primus*, livro I, carta 2, verso 40: *Dimidium facti qui coepit habet: sapere aude!* (Aquele que começou está na metade da obra: ouse saber!).

saber, pois necessitará desembaraçar-se dos empecilhos que ele mesmo impôs ao seu espírito, quando conformou sua realidade sob uma tutela que o faz crer que ela é o melhor meio para sua vida, furtando-se desta maneira, o direito (neste caso o dever) de suspender este ordenamento no momento que desejar, o que não é realizado espontaneamente, pois o próprio sujeito não é cômico desta possibilidade.

A elucidação da autonomia do pensamento, de acordo com o filósofo alemão, é resultado dos meios necessários para que a passagem à maioria possa ocorrer de maneira efetiva, visto que a perspectiva a ser alterada nela é a racional, pois enquanto as mudanças forem somente ocasionais e externas, o meio para interpretá-las, isto é, a razão, continuará a mesma. Podemos compreender, então, que o processo de *Aufklärung* é a reorganização subjetiva do homem perante sua perspectiva racional, que lhe imputa essa atitude, para que concretize a essencialidade de suas disposições, livrando-se desta maneira do comando racional alheio.

A tarefa do esclarecimento é conformada pela própria história da humanidade, que tem por tarefa cumprir os objetivos que propôs a si mesma, enquanto autoelabora uma reflexão sobre sua totalidade racionalmente compreendida. O abandono da menoridade é o primeiro passo para a efetivação dos gérmenes³ que a natureza dispôs para os homens, pois todos os outros não poderiam efetivar-se caso eles não fossem racionalmente autônomos. A formação sólida do indivíduo, que proporciona a ele o aperfeiçoamento de sua humanidade, isto é, a totalidade das relações sociais que mantém, só é possível quando o homem for apto a desenvolver os meios para que ela possa ocorrer, isto é, dispor de autonomia em sua vida, para que sobre ela fundamente os meios de exercê-la.

3. A *AUFKLÄRUNG* KANTIANA E SEU CARÁTER PEDAGÓGICO

Dirigindo-se em direção a este recorte, ou seja, assinalar as relações que podemos apontar entre a perspectiva kantiana da *Aufklärung* e nossa contemporaneidade, conseguiremos observar quão atual o ensaio do filósofo alemão afigura-se. Em uma sociedade onde cada vez mais o ensino se torna tecnicista e os indivíduos são submetidos a uma formação, tanto educacional quanto pessoal, sob a perspectiva do efêmero, questionamo-nos, a fim de estabelecer um fio condutor para

³ Cf. KANT, I. *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*, p. 6.

nosso estudo: qual é o valor de ter coragem de fazer uso de seu próprio pensamento na atualidade?

Vivemos em uma sociedade que tem por objetivo formar indivíduos sob os simples aspectos da técnica, o que na maioria das vezes não pressupõe uma reflexão autônoma, e de impor aos seus membros uma heteronomia cultural, pois enquanto se submeterem a estes aspectos permanecerão sob eles, para que possam efetivar o objetivo de seus tutores e proporcionar a eles as vantagens que estes desejam. Estes mesmos aspectos remetem à conceitualização realizada acima do estado de menoridade, o que nos autoriza a aferir que quando os indivíduos estão submetidos às composições midiáticas, não utilizam de sua perspectiva racional para bem interpretá-las, o que perpetua sua menoridade intelectual. O problema nunca foi nem nunca serão os livros, ou cotidianamente, a internet ou a televisão, mas a maneira pela qual estes instrumentos são utilizados. Eles impedem a formação autônoma do indivíduo, caracterizam-se como um obstáculo na formação do homem, pois o faz desviar de suas obrigações racionais, a de ser, por exemplo, senhor de seus próprios pensamentos.

Um livro que busca pensar pelo leitor pode resultar em um indivíduo que se submete àquele que o escreveu, e este indivíduo passaria a ser não mais um senhor de si, mas um reprodutor de compreensões alheias. É preciso que, ao ler um livro, seja possível compreender seu conteúdo e mais do que isso, apreender a maneira correta de utilizá-lo, pois a má interpretação deste último passo pode inclusive direcionar o indivíduo no caminho que o próprio livro recriminaria. O sujeito que prefere obter suas reflexões sobre sua vida somente com a leitura de um livro, sem que dele consiga compreender suas especificidades e delas julgar as válidas e as inúteis, acaba por aceitar a totalidade de um pensamento que é construído por outro. Contemporaneamente, podemos observar que muitos livros e leitores preferem se dirigir pelo caminho da “tutela racional”, pois, como dito anteriormente, é cômodo ser menor. Um livro que promete uma sabedoria e um sujeito que vê nessa promessa um atalho para determinado objetivo, encontra nessa relação o meio para que não precise empreender interiormente os esforços do pensamento para gerar os questionamentos de sua realidade.

No âmbito espiritual, um líder que estipula aos seus fiéis a maneira pela qual devem pensar sobre determinado conteúdo, furta de cada um toda a sua designação racional, tendo em vista que soma na perpetuação da menoridade da humanidade. Esta, por sua vez se submete ao jugo alheio e, por assim fazer, apresenta-se mais frágil

e vulnerável nessa perspectiva. Em nossa atualidade o direcionamento espiritual mostra-se cada vez mais heterônomo e, com isso, multidões inteiras submetem-se às palavras daqueles que se apresentam como representantes das massas. Sob as promessas de uma vida melhor e da indicação dos meios pelos quais a massa pode obtê-la, aqueles que se consideram senhores direcionam seus fiéis pela maneira que julgam conveniente. Fazendo parte de seu rebanho, eles docilmente o seguem, pois acreditam que somente por intermédio deles será possível alcançar as promessas de uma boa vida. É necessário que o indivíduo que compõe essa massa seja corajoso ao ponto de pressupor-se como um sujeito que também é apto a conferir veracidade à sua fé. Ele é capaz de refletir sobre as questões espirituais que lhe são ensinadas ou que aprende em algum culto ou livro. Novamente, a questão aqui não é sobre a necessidade ou não de se cultivar uma espiritualidade, mas a maneira como se constrói essa reflexão, pois não podemos nos direcionar cegamente sob os dizeres alheios, sem que sobre eles estabeleçamos nossas próprias reflexões.

Assim como na internet, que é um importante instrumento para a formação do indivíduo hoje em dia, pois dispõe de uma dinamicidade que a televisão e o livro não oferecem, transporta seu usuário para uma experiência única à qual é, na maioria das vezes, mais atrativa que os outros meios. Nela, os benefícios que o usuário pode ter são inúmeros, pois é uma plataforma na qual o conhecimento pode ser discutido e dividido instantaneamente, sem restrição de localização ou temporalidade. Porém, da mesma forma que a televisão e os livros, ela não está livre da má utilização entre seus usuários, pois é repleta de veiculações que desapoderam os indivíduos de suas capacidades racionais, submetendo-os a entretenimentos fúteis e viciosos. E, da mesma maneira que uma informação percorre rapidamente os caminhos do saber, uma falsa notícia caminha por essa rota com a mesma velocidade. O que resguarda o incentivo à sua utilização é a compreensão de que devemos sempre nos posicionar de acordo com nossa conformação racional, isto é, questionando de maneira autônoma a potencialidade das informações que a internet nos oferece, isto é, se é ou não benéfica à nossa formação.

Segundo Kant (1999), o homem é a única criatura que precisa ser educada. Desta maneira, é preciso que no momento da educação o indivíduo consiga, já nesse estágio, atuar como sujeito que autonomamente aprende. Para evitar que se perpetue em seu espírito a ideia de que não poderá ausentar-se de sua reflexão autônoma em nenhum instante, não pode, em momento algum, se subordinar a um aprender cego e

mecânico. A formação educacional que direciona o aluno ao constrangimento do aprender maquinal impede-o de livremente refletir sobre aquilo que aprende. O professor, por exemplo, deve ser aquele que, ao ensinar, oferece ao aluno um aprender autônomo, mostrando a ele o caminho necessário para alcançar o saber, sem que ele o veja artificialmente. Assim, lemos que:

A tarefa e a finalidade da educação residem na produção da autonomia e da maioridade de cada indivíduo, e isso significa a superação da determinação por outrem e da menoridade enquanto formas contrárias àquelas finalidades. Do lado do indivíduo, precisa-se da decisão e não menos igualmente da coragem de servir-se de seu próprio entendimento; do lado do universal, do Estado e da sociedade e suas instituições, precisa-se, por sua vez, de padrões, estruturas e instituições correspondentes que permitam e incentivem a autonomia do indivíduo (HEINZ, 2005, p. 112).

Precisamos questionar se, em nossa contemporaneidade, a maneira pela qual atuamos como indivíduos e cidadãos, desde nosso aprender até nosso posicionar como sujeito que compõe uma sociedade, pode ser considerada como estando sob nosso pensamento racional autônomo ou se conformamos nossos pensamentos à exterioridade deles. No âmbito educacional é preciso refletir sobre a formação que os alunos recebem em sua passagem pela escola, assim como no ambiente familiar, isto é, se nesses processos lhes é coibido o *autodirecionar* e então, deixado à mercê do pensamento alheio. Como nos posicionamos diante dos avanços provindos da globalização e da democratização dos meios de informação? Como dito anteriormente, não nos é mais negado o acesso à informação; mas o que dizer quanto à autonomia do pensar ao acessar a informação?

Segundo Kant (1999), a educação é uma maneira pela qual podemos desenvolver as especificidades providas pela natureza e pela sociedade ao gênero humano, sendo assim, o homem é aquilo que a educação faz dele. Uma metáfora kantiana muito ilustrativa nos ajuda a compreender a importância da educação: ela versa sobre duas árvores, uma que cresce sozinha no campo e outra que se encontra em uma floresta⁴. Aquela que é livre de impedimentos joga seus galhos ao seu bel prazer e cresce torta e disforme, enquanto aquela que nasce em meio a outras árvores, precisa desde sempre direcionar-se ao alto para obter luz e, com isso, forma-se robusta

⁴ Cf. KANT, I. *Sobre a pedagogia*, p. 24; e KANT, I. *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*, p. 11.

e vigorosa. Desta maneira, o professor é aquele que ajuda o aluno a enxergar-se como o verdadeiro condutor de seu aprendizado, não o tratando como incapaz de desenvolver sozinho suas aptidões, mas também não se ausentando na relação aprender-ensinar.

Segundo Heinz (2005), disciplina educacional não significa sujeitar as crianças à vontade do educador, senão cuidar para que elas não prejudiquem a si mesmas. O educador deve, então, incitar o aluno a compreender-se como sujeito que estabelece relações sociais e que deve, por meio destas, agir autonomamente. Assim como a árvore que somente cresce para cima porque é impelida a isto, o aluno deve ser instigado a desenvolver suas potencialidades racionais. Aqui não há uma relação de tutela, pois o professor não está interessado em obter proveito da racionalidade alheia, como acontece, por exemplo, com alguns líderes espirituais. Pelo contrário, busca desenvolver no aluno os meios pelos quais ele conseguirá evitar esse direcionamento em seu futuro.

Kant (1999) exemplifica que seria melhor usar desde o início poucos instrumentos e deixar que as crianças aprendam muitas coisas por si mesmas, dessa forma, aprenderiam mais eficazmente. Sendo assim, corroboramos a visão kantiana da necessidade do pensamento autônomo, presente no seu ensaio sobre a *Aufklärung*, neste momento aplicado ao estágio de aprendizado do indivíduo. Não é suficiente que as crianças sejam treinadas ou adestradas para ocupações diversas, é preciso que aprendam a pensar, para que desde cedo obtenham em si a fonte segura para seu futuro raciocinar; desta maneira, segundo Menezes (2000), pensar significa ir mais longe que conhecer.

A faculdade de conhecer é dada ao homem através de seu estatuto espaço-temporal, todavia, o pensar requer um processo educativo especial. Aplicado à educação, o princípio da autonomia do pensamento mostra que o aluno é o centro do conhecimento, pois participa ativamente da relação que é estabelecida nos processos de aprendizagem dentro dos institutos de ensino. O professor não é então quem oferece o conhecimento ao aluno, mas aquele que o ajuda a compreender um tema com seus próprios talentos, não há mais, portanto, uma relação de soberania, mas sim de cooperação racional; sendo assim, o aluno é participante ativo do seu conhecimento, não sendo ele receptáculo das informações provindas de seu exterior. Em outras palavras:

Um educador que possui a abertura intelectual para buscar construir o ponto de vista erudito não só poderá colocar-se acima de discursos e práticas pedagógicas grosseiras, como também terá a sensibilidade pedagógica necessária para enfrentar o grande desafio humano que é a arte de educar e de se deixar educar (DALBOSCO, 2005, p. 96).

Destarte, a coragem de fazer uso de seu entendimento no processo de ensinar-aprender deve ser desenvolvida tanto pelo professor como pelo aluno, visto que, se por um lado o aluno necessita operar sua racionalidade segundo as potencialidades que ela dispõe, posicionando-se como senhor de seus pensamentos, por outro lado, o professor deve ser aquele que coloca à disposição do aluno os meios para que possa exercer-se dessa maneira. O educador não pode impedir o desenvolvimento do germe do livre pensar do aluno, coibindo-o ou oferecendo um aprendizado que não suscite exercício autônomo do pensar.

Enquanto o esclarecimento exige o abandono do estado de menoridade, a educação leva o homem a seguir por esse caminho. Através da educação a condição fundamental exposta pelo processo de esclarecimento pode ser atingida (PINHEIRO, 2014, p. 197).

A escola deve ser um ambiente que instigue o aluno a desenvolver-se independentemente, propiciando a ele a experiência adequada a este propósito. É preciso que os centros educacionais formem mais do que engrenagens de máquinas, que sejam, portanto, capazes de oferecer no processo educativo uma transformação pessoal do aluno, disponibilizando a ele as ferramentas para que este cultive um pensamento crítico e, com isso, possa autonomamente refletir sobre o mundo em que se insere.

4. CONCLUSÃO

Podemos observar, desta maneira, por meio das caracterizações iniciais sobre a *Aufklärung* elaboradas por Kant e, posteriormente, pela discussão sobre os processos educacionais contemporâneos, o quão atual se mostra o princípio da autonomia do pensar. Questionamo-nos inicialmente sobre como cotidianamente nos posicionamos frente às tecnologias que surgem em nosso mundo globalizado, com base na reflexão de Kant, e asseveremos que precisamos novamente ousar saber; isto é,

ainda que estejamos inseridos em sociedades em que estão disponíveis quantidades incomensuráveis de informações, uma enorme diversidade de métodos educacionais ou até mesmo uma ampla liberdade religiosa, precisamos nos posicionar como autores das reflexões que estabelecemos sobre esses âmbitos. Não podemos ser menores em quaisquer que sejam as esferas. Temos que ter coragem de utilizarmos-nos do nosso pensar e, somente a partir dele, retirar os meios pelos quais estabeleceremos as interpretações sobre determinado tema, orientando, assim, nossa conduta prática em sociedade.

A autonomia deve ser cultivada no indivíduo desde seus primórdios educacionais, para que desde cedo tenha a consciência de suas potencialidades. Com isso, o educador não pode coibir o aluno em suas reflexões, mas proporcionar a ele um ambiente no qual as possa desenvolver. O aluno deve, então, desde a escola utilizar somente de si como instrumento de seus pensamentos, sem que precise alheamente de um direcionamento maquinal e heterônomo. A responsabilidade da escola é a de permitir o ensino que liberte o indivíduo de sua minoridade, uma vez que o próprio sujeito é o responsável pela efetivação desta libertação.

REFERÊNCIAS

KANT, I. *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. Resposta à Pergunta: Que é “Esclarecimento”? (*Aufklärung*). In: KANT, I. *Textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. Sobre a expressão corrente: isto pode ser correcto na teoria, mas nada vale na prática. In: _____. *A paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa: Edições 70, 2013.

_____. *Sobre a pedagogia*. Piracicaba: UNIMEP, 1999.

DALBOSCO, C. A. *Kant e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

HEINZ, E. Educação e Maioridade em Kant e Adorno. In: DALBOSCO, C. A. & HANS-GEORG, F. (ORGS.). *Educação e maioridade: Dimensões da Racionalidade Pedagógica*. São Paulo: Cortez; Passo Fundo: UPF, 2005.

MENEZES, E. Kant e a Ideia de Educação das Luzes. *Educação e filosofia*, v. 14, n. 27/28, jan./jun. e jul./dez. 2000, p. 113-126.

PINHEIRO, C. M. Da disciplina ao livre uso da razão em Kant. In: MARTINS, M. F. & PEREIRA, A. R. (ORGS.). **Filosofia e Educação**: ensaios sobre autores clássicos. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

VICENTI, L. **Educação e liberdade**: Kant e Fichte. São Paulo: UNESP, 1994.